

A dança nos currículos dos cursos de Educação Física: por que e para quê?

Fernanda de Souza Cardoso², Elisângela Chaves¹, José Roberto, Lopes de Sales²

Data de Submissão: 09/05/2020 Data de Publicação: 19/11/2020

RESUMO

Com o ensino remoto já estabelecido na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, entre os meses de junho e julho, o Colegiado Didático do curso de Educação Física Bacharelado desta instituição, propôs o uso de “Atividades didáticas *online*” em diferentes plataformas como: *Google Meet*, *Instagram* e *Youtube*. As atividades propostas poderiam ser *Lives*, seminários, mesas-redondas ou minicursos, organizados pelos professores e professoras do referido curso a partir de nove (9) eixos. Desta maneira, o objetivo deste relato é descrever a experiência de uma mesa-redonda intitulada “A dança nos currículos dos cursos de Educação Física: por que e para quê?”, proposta pelo no eixo “Corpo, expressão em EF e ginástica”. A partir do novo contexto enfrentado, os grupos organizados escolheram diferentes temas, que interessariam e atravessariam os distintos conhecimentos tratados nos diversos componentes curriculares do curso de EF bacharelado, com o intuito de estimular e “(re)aproximar-se” de seu corpo discente. O tema definido para a mesa objetivou esclarecer algumas questões que permeiam a dança e a presença desta manifestação corporal nos currículos dos cursos de EF, em especial no curso de bacharelado. A exposição ficou por conta da professora. Elisângela Chaves e do professor José Roberto Lopes, com a mediação da professora Fernanda de Souza, todos autores deste relato; tendo ao final atingido seu objetivo uma vez que houve participação significativa de docentes, discentes e pessoas interessadas nas diversas temáticas que fizeram parte das “Atividades didáticas *online*”.

Palavras-chave: Dança. Currículo. Atividade *online*.

INTRODUÇÃO

Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias, no caso da pandemia desse novo agente, foi encontrado em 31 de dezembro de 2019 na cidade de *Wuhan* na China. Este vírus atual faz que seus portadores tenham a doença chamada de coronavírus (*COVID-19*) (MACEDO; ORNELLAS; BOMFIM, 2020, p. 2). E a pandemia surgiu em decorrência do surto deste vírus, sendo declarada uma Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional (ESPII) pela Organização Mundial da Saúde (OMS), uma vez que o vírus se espalhou por muitos países e territórios (ANTUNES-NETO, 2020, p. 29).

Com a pandemia e todos os desdobramentos advindos dela, inicialmente com a necessidade do distanciamento social, tivemos nossos cotidianos intensamente modificados. Parte dos impactos causados pelo *COVID-19* ainda não mensurados vem refletindo em diferentes setores da sociedade. E houve urgência em buscarmos novas maneiras de fazer as coisas, tendo como palavra de ordem a adaptabilidade,

1 - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

2 - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

há muito praticada. Entretanto, os impactos derivados desta pandemia ampliam o referido conceito e vêm exigindo diferentes tipos de adaptabilidade em todas as áreas: nos negócios, na educação, no desenvolvimento das pesquisas científicas, no modo como os consumidores se comportam e decidem, sendo muitas vezes forçados a se adaptar frente ao contexto atual (NASSIF; CORRÊA; ROSSETTO, 2020).

Quando focamos nos desdobramentos no setor educacional, com a necessidade de serem fechadas as instituições de ensino, tivemos que lidar com um novo formato de aula, já que esta não poderia ser mais realizada presencialmente. E a experiência interativa da aula, mesmo que simples e objetiva, passou a ocorrer, portanto, em um ambiente mediado e, acima de tudo, sustentado pela tecnologia; sendo esperado que as novas dimensões da tecnologia na educação assumissem um papel colaborativo e impulsionador para a difusão do conhecimento e da democratização do saber. Uma ferramenta sempre sob a orientação de professores e professoras [e um desafio para todas e todos os envolvidos neste processo] (ANTUNES-NETO, 2020).

Neste sentido, já estabelecido o ensino remoto na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes foi que entre os meses de junho e julho, o Colegiado Didático do curso de Educação Física bacharelado desta instituição, propôs o uso de “Atividades didáticas *online*” em diferentes plataformas como: *Google Meet*, *Instagram* e *Youtube*.

As atividades propostas poderiam ser *Lives*, seminários, mesas-redondas ou minicursos, organizados pelos professores e professoras do referido curso a partir de nove (9) eixos: 1. Bases biológicas e fisiológicas da EF e do treinamento esportivo; 2. Contextualização em EF; 3. Antropometria e metodologia do condicionamento físico ou processos psicomotores e de desenvolvimento humano; 4. Esportes; 5. Esportes aquáticos; 6. Atividade física e saúde ou morfologia funcional; 7. Corpo, expressão em EF e ginástica; 8. Gestão, administração e organização de eventos em esportes e 9. Investigação em EF.

Desta maneira, o objetivo deste relato é descrever a experiência de uma mesa-redonda intitulada “A dança nos currículos dos cursos de Educação Física: por que e para quê?”, proposta pelo no eixo “Corpo, expressão em EF e ginástica”.

A partir do novo contexto enfrentado, os grupos organizados escolheram diferentes temas, que interessariam e atravessariam os distintos conhecimentos tratados nos diversos componentes curriculares do curso de EF bacharelado, com o intuito de estimular e “(re)aproximar-se” de seu corpo discente, uma vez que “a crise sanitária causada pelo COVID-19 modificou todas as relações de afetividade e de comunicação” (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020, s/p). E estas propostas seriam desenvolvidas em um universo bastante familiar a maioria de nossos alunos e alunas, já que fazem parte de uma geração que cotidianamente utiliza diferentes plataformas digitais.

RELATANDO A EXPERIÊNCIA

Para organização das atividades didáticas o colegiado orientou que as transmissões fossem realizadas às segundas, quartas e sextas. No eixo “Corpo, expressão em EF e ginástica” decidiu-se pelo dia 03 de julho, porém, por ser feriado municipal a atividade foi reprogramada para o dia 02 de julho, uma quinta-feira.

Para colocar em prática a atividade didática on-line do eixo 7, formado pelos professores: Fernanda de Souza Cardoso e José Roberto Lopes de Sales, inicialmente ficou definido que o tema seria a dança, uma vez que este é um assunto que aproxima estes dois docentes. A partir daí foi feito o convite a profa. Dr^a. Elisângela Chaves do curso de EF da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, na área de dança, para participar da mesa-redonda sugerida.

O tema definido para a mesa objetivou esclarecer algumas questões que permeiam a dança e a presença desta manifestação corporal nos currículos dos cursos de EF, em especial no curso de bacharelado. A exposição ficou por conta da professora. Elisângela Chaves e do professor José Roberto, com a mediação da professora Fernanda, todos autores deste relato.

O evento ocorreu às 19h pelo *Google Meet*, com transmissão ao vivo no *Youtube*, no canal do Colegiado do curso de EF Bacharelado da Unimontes. A transmissão, depois de editada, foi disponibilizada para visualização posterior no referido canal, e pode ser acessada através do link <https://www.youtube.com/watch?v=zPQ7AKXjuaE>.

A dança nos palcos da EF

A mesa-redonda: “A Dança nos Currículos dos Cursos de Educação Física: por que e para quê?” se iniciou com a apresentação do tema pela professora Fernanda, que junto ao professor José Roberto deu as boas-vindas à professora Elisângela, ressaltando o orgulho em recebê-la como convidada da referida atividade, já que a mesma já fez parte do corpo docente da instituição.

A professora Elisângela ressaltou inicialmente o quanto a Unimontes foi importante em sua carreira profissional, fazendo uma contextualização da sua história dentro da EF desta instituição: foi professora do Departamento de EF e do Desporto; esteve na gestão, dentro da Pró-reitora de Extensão e esteve à frente do projeto de extensão: Grupo de Dança Compassos.

Antes de entrar na temática propriamente dita, a professora convidada fez um breve histórico da sua vida em relação à dança e à EF, ressaltando que primeiro veio a dança, já que desde os 06 anos de idade fazia aulas de jazz e balé. Quando chegou o momento de escolher uma graduação, a intenção era cursar Dança, porém, esta era uma realidade muito difícil, pois havia no país apenas dois cursos superiores de Dança: um na cidade de Campinas/SP e outro em Salvador/BA.

Sem condições financeiras para ir para uma dessas cidades, viu na EF uma opção e um caminho mais fácil, ingressando então, no curso de EF na Universidade Federal de Viçosa (UFV). E este é um fato bastante recorrente, que já permite o entendimento de uma primeira aproximação entre estas duas áreas do conhecimento.

Hoje, a realidade em nosso país com relação à formação em Dança é bem diferente; como área autônoma, aparece enquanto curso superior em todo território nacional, tanto com cursos de licenciatura como bacharelado. Segundo Silva (2016, p. 31) “entre os anos de 2002 e 2012, observou-se um aumento significativo no número das graduações em Dança no país, que de dez passaram a somar mais de 30”.

Mas a EF tem uma relação fronteiriça com a Dança e isto é uma constituição histórica, mas não só isso. Há diálogos possíveis e necessários entre estas duas áreas. A EF como área de conhecimento, pode ganhar com este diálogo, visto que a arte se compromete a modificar (criativamente) o existente para que ele chegue a ser outra coisa. “Assim, entendemos arte como um canal aberto à crítica, à

espontaneidade e ao momento próprio de criação, o que resulta na obra que expressa nossos sentimentos, vivências e sonhos” (FIAMONCINI, 2003, p. 63). Desta forma, devemos olhar para a dança numa perspectiva de valorização deste conhecimento para constituição do profissional e do professor de EF.

E porque falar de uma relação histórica entre EF e Dança? Porque há uma perspectiva que não é somente factual, mas é também processual. Há um processo histórico potente e significativo, tanto para constituição do professor e profissional de EF, quanto para os próprios cursos independentes, de formação em Dança.

A professora, ainda sobre sua trajetória, destacou que sua passagem pela Unimontes permitiu a ela a maior possibilidade de formação artística de sua vida, através do projeto de extensão Grupo de Dança Compassos, mas além dele, cursou mestrado e doutorado na UFMG, buscando solucionar algumas questões que a inquietavam: Como a dança aparecia nos programas de ensino dos grupos escolares? Como a dança esteve/está na EF? Para quê? Que vínculo é esse? Determinado o recorte histórico (1939 a 1956), foram explicados os porquês: 1939, porque foi a partir daí que se iniciou o primeiro curso de EF voltado para civis, até então, os cursos eram destinados aos militares. E 1956, porque este foi o ano de criação, de forma autônoma, do primeiro curso superior de Dança no Brasil, na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Em 1939 conseguimos identificar a primeira abordagem da Dança fazendo parte do ensino superior e também fazendo parte da formação da professora de EF. Não seria a Dança como cadeira, ou seja, ela ainda não aparecia como disciplina, mas em uma cadeira de Ginástica Rítmica. Dentro dos conteúdos da Ginástica Rítmica, foram encontradas muitas deliberações de conteúdo para a Dança.

Efetivamente foram localizados relatórios e programas de ensino da professora Helenita Sá Earp; que naquela época encabeçava a referida cadeira; sendo esta pensada somente para as mulheres, porque nesse período os currículos eram diferentes para homens e mulheres. Percebemos, portanto, uma relação sexista com a dança. As aulas de Ginástica Rítmica eram acompanhadas por piano, trabalhavam-se elementos da rítmica e alguns elementos já constituídos da Dança.

Quando analisamos todo este contexto e seus desdobramentos e partimos para essas perguntas: Dança na EF, porque e para quê? precisamos fazer um movimento

para entendermos essa amplitude de possibilidades que a dança enquanto arte nos proporciona. Falamos em arte, porque é importante considerarmos que a maior função dessa expressão/prática corporal, é sua máxima enquanto arte. Mas nos apropriamos deste conhecimento para diferentes funções. Não é preciso ser artista para dançar: dançamos por lazer; podemos dançar em cultos e rituais religiosos; podemos dançar, porque isso nos mantém conectado com as matrizes e ancestralidades da minha região, da minha etnia, da minha fé.

A perspectiva ampla da dança não é uma novidade para nós na contemporaneidade e talvez seja esse um dos motivos que fez com que a dança fosse entendida, principalmente na virada do século XIX para o XX, com uma grande potencialidade. Importante tensionar algumas questões para falarmos sobre este fato: é fundamental a compreensão sobre o que nos diz Courtine (2008) ao ressaltar que o século XX descobriu o corpo; passamos a ter uma outra percepção de corpo a partir deste momento: tudo passa a ser mais veloz e ágil; saímos do balé clássico e chegamos à dança moderna.

E a tecnologia passa a fazer parte disso. O advento de recursos tecnológicos, como o da filmagem, nos colocou em outro patamar no mundo da dança: era possível fazer registros das imagens e com a possibilidade, por exemplo, de colocar o movimento em câmara lenta, a percepção do movimento foi ampliada e facilitada (SUQUET; COURTINE; CORBIN; VIGARELLO, 2008). Neste sentido, Merleau-Ponty (1991, p. 256) aponta que “para muitos pensadores do final do século 19, o corpo era um pedaço de matéria, um feixe de mecanismos. O século 20 restaurou e aprofundou a questão da carne, isto é, do corpo animado”.

A dança é a prática identificada em todos os povos do planeta, realizada nas mais diferentes partes do mundo. A dança e a música como artes que se cooperam estão registradas nas histórias de todos os povos. Dança-se por diferentes motivos, mas no século XX começamos a ter um outro movimento de dança, que não é dançar pelos vínculos que as tradições religiosas, folclóricas, de manifestações culturais traziam.

Mas começa-se um maior investimento em técnicas, que fazem com que os corpos se manifestem e sejam dominadores de outras possibilidades de movimento e isso vem acompanhado de grande conhecimento científico, mas também de uma

necessidade de transformação, principalmente pós 1ª e 2ª Guerra Mundial, quando os artistas se dedicam de forma muito enfática à revoluções de pensamentos, à revoluções de estéticas. A ruptura da dança moderna com o balé clássico traz muitos desdobramentos e mudanças de ideias, pensamentos comportamentos.

É importante enfatizar o século XX, porque temos aí uma questão que é epistemológica. A dança é um conteúdo que desde 1939 foi incorporada como um conteúdo pra nós na EF. E se mantém até hoje, porque ela consegue epistemologicamente atender um pouco de todos esses caminhos. E nós da EF dialogamos com a dança pelo viés da ciência biológica, não que ela o seja; mas podemos, por exemplo, nos apropriarmos da dança como uma forma de condicionamento físico, de manter e ampliar capacidades motoras.

Mas a dança também nos permite uma outra perspectiva de linguagem, de comunicação, de expressão. Ela traz uma perspectiva histórico-antropológica fundamental, porque ela nos faz buscar e compreender identidades, ancestralidades, bases e matrizes de movimento. A dança nos traz muito material para compreendermos sobre a própria corporeidade, sobre quem somos, como nos movemos e sobre signos criados ao longo da história.

E ainda nos completa em sua abordagem sociológica, porque a dança está presente nos nossos ritos sociais, fato que se repete com constância. A dança faz parte de nossos ritos de alegria e também de ritos de tristeza, para alguns povos. Mas pensando a cultura brasileira ela está dentro dessa lógica da festividade, dos momentos de união e encontro. Enfatizando todas essas possibilidades que a dança nos propicia, podemos ainda pensar sobre ela no momento atual, no contexto da pandemia; pensar no quanto a dança tem possibilitado as nossas alegrias e interações neste período de quarentena.

Quanto mais nós nos aproximamos dos contextos nos quais as danças se mostram como entidades vivas da cultura, tanto mais revolucionária é a sua manifestação. Dançar é, nesse sentido, ação, prática que nos designa e revela a existência de um povo, de uma cultura, de uma ancestralidade, de uma herança. E além de favorecer a alegria do encontro pode, ainda, nos situar face a face com marcas de ditaduras estéticas e políticas, de silenciamentos, de indiferenças, de colonialidades e de preconceitos. “E o nosso corpo, que dança, dança e carrega,

repassa e apresenta tudo isso ao mesmo tempo, tenhamos ou não consciência destas relações” (VELARDI, 2019, p.11).

Retomando o eixo epistemológico, podemos dizer que a dança promove um diálogo que é muito útil à EF moderna, porque é um diálogo de diversidades, que possibilita a inclusão. E como área fundamentalmente pedagógica a EF sempre necessitou disso. Historicamente temos uma lógica da dança muito presente na EF na licenciatura, como um dos conteúdos da cultura corporal e isso permanece.

A Base Nacional de Currículo Comum (BNCC) traz a dança também como conteúdo da EF, mas não em competição com a dança que os professores de Arte estão trabalhando. Ao se pensar a cultura corporal, ao longo da história, inclui-se a dança como parte desse conjunto todo, da educação do corpo. E nós, como área que está dentro da escola pensando o corpo, não podemos negligenciar as possibilidades de práticas que vão viabilizar que alunos e alunas se aproximem de todo esse conjunto.

Por outro lado, poderíamos nos perguntar: por que a dança no bacharelado? Por que o bacharel de EF precisa da dança? Nesse caso, deve-se levar em consideração a formação desse profissional. Que habilidades ele precisa ter? Que tipo de atividades este profissional irá oferecer? Desta maneira, todas as relações técnicas advindas das experiências com a dança (as atividades rítmicas, a relação do ritmo com o movimento, o trabalho com diferentes capacidades físicas, a percepção do espaço, a possibilidade de observar o outro) poderiam nos ajudar a responder estes questionamentos.

Mas além de tudo isso, há uma questão fundamental, a dança oferece a possibilidade que vem com a veia da arte, mas não só. A possibilidade do encontro com o “eu”, do conhecimento do eu sujeito. A dança é um conteúdo que desperta em nós outras sensações, emoções, porque aglomera outras vertentes: sensibilidade, inclusão, aprofundamento, possibilidade de despertar no sujeito essa sensibilidade de lidar com a diversidade, tantas elas. É um investimento no “eu”.

Como linguagem a dança é um meio em que o sujeito pode sentir-se, perceber-se, conhecer-se e manifestar-se. É um aprendizado em si mesmo: o que o indivíduo sente, o que quer dizer e como quer dizê-lo e nesse aprendizado recorreremos à sua possibilidade de transformação e ao aproveitamento de sua própria espontaneidade

e criatividade, objetivando chegar a um maior aprofundamento e enriquecimento de sua atividade natural. É o aprofundamento de si mesmo, mas com a finalidade de comunicar-se; um aprofundamento da maneira de interagir com o outro (TOKOE; HARF, 1987).

A incorporação da arte nas reflexões referentes à EF poderia apoiar na configuração de uma outra lógica para pensar o corpo e todos os fenômenos a ele ligados, inclusive no que se refere a sua expressão gestual. Pensar a arte como forma de conhecimento talvez provocasse a superação de dicotomias clássicas presentes no modo de compreender e pensar o corpo. “A arte é sempre uma revelação, um desejo transitório de apreender, intuitivamente e de uma só vez, todas as leis deste mundo – sua beleza e sua feiura, sua humanidade e sua crueldade, seu caráter infinito e suas limitações” (TARKOVISKI, 1990, p. 39-40 apud SOARES; MADUREIRA, 2005, p. 85).

Desta forma, a arte propõe uma outra forma de conhecer o mundo, de entender e incorporar a multiplicidade com a qual se constrói o conhecimento, sua transitoriedade, fragilidade, deficiência. “Propõe ainda o rompimento com as clássicas oposições que se construíram e, ao mesmo tempo, a relativização do valor que atribuímos às diferentes formas de conhecer” (SOARES; MADUREIRA, 2005, p. 85-86). Concordamos que a dança, enquanto arte traz experiências, conhecimentos, sensações e possibilidades que lhe são próprias e únicas, portanto, pode inclusive, levar a EF a rever alguns de seus princípios e intervenções sobre o corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta da realização das “Atividades didáticas on-line” parece ter atingido seus objetivos, além da participação efetiva de professores da Unimontes, contou também com docentes convidados; tivemos a participação significativa de nossos discentes, como também de pessoas interessadas nos diferentes temas propostos. Foi possível ampliar espaços de discussão sobre os mais variados objetos, que foram desde assuntos específicos de algumas disciplinas, como também recorreu a temas considerados contemporâneos com discussões necessárias.

Desta maneira, concordamos com Tardif (2002 apud BARBOSA; VIEGAS; BATISTA, 2020) quando os mesmos rejeitam a ideia de que, para ensinar, precisamos

apenas conhecer o conteúdo específico da disciplina, ou seja, da nossa área de formação. Fica cada vez mais nítido que isso não basta! Os saberes estão interligados, os conhecimentos produzidos pelas mais diferentes áreas se comunicam, se conectam e ainda mais, estão conectados a própria vida e a como nos organizamos enquanto sociedade.

Em meio a tantos problemas, novos desafios e muitas inquietações, seguimos todos e todas na busca de reinvenções, algo recorrente na profissão docente. É como nos diz Monteiro (2020, p. 250): o convite para nós (re)inventarmos enquanto professores e professoras não é novidade, isso já vem sendo feito há tempos. Talvez com outros nomes, mas seu caráter de (re)invenção resiste. Porém, ter que reinventar a própria profissão em meio à tensão dessa crise, isso sim é novidade. “No entanto, os princípios de liberdade de escolha e responsabilidade permanecem” (MONTEIRO, 2020, p. 248-49).

REFERÊNCIAS

- ANTUNES-NETO, J. M. F. Sobre ensino, aprendizagem e a sociedade da tecnologia: por que se refletir em tempo de pandemia? **Revista Prospectus**, v. 2, n. 1, p. 28-38, ago./fev. 2020. Disponível em: <https://prospectus.fatecitapira.edu.br/index.php/pgt/article/view/32/21>. Acesso em: 25 jul. 2020.
- BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. N. F. F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Rev. Augustus**. Rio de Janeiro, v.25, n. 51, p. 255-280, jul./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/565>. Acesso em: 31 jul. 2020.
- CHAVES, E. A dança na Educação Física: encontros e desencontros. In: CHAVES, E., CORTES, G., COIMBRA, I. (Org.) Coletânea do II Fórum EduDança: **Educação física e dança: diálogos possíveis e intervenções**. Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- FIAMONCINI, L. Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 6, p. 59-72, jul./jun. 2002-2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/16055/9839>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- MACEDO, Y. M.; ORNELLAS, J.L.; BOMFIM, H. F. COVID – 19 no Brasil: o que se espera para população subalternizada? **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 01-10, jan./dez. 2020. Disponível em: http://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8189/pdf_1. Acesso em: 31 jul. 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MONTEIRO, S.S. (Re)inventar educação escolar no Brasil em tempos da COVID-19. **Rev. Augustus**, Rio de Janeiro, v.25, n. 51, p. 237- 254, jul./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/552/301>. Acesso em: 20 ago. 2020.

NASSIF, V. M.J.; CORRÊA, V.S.; ROSSETTO, D. E. Estão os empreendedores e as pequenas empresas preparadas para as adversidades contextuais? Uma reflexão à luz da pandemia do covid-19. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 9, n. 2, p. i-xii, 2020. Disponível em: <https://www.regepe.org.br/regepe/article/view/1880/pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PASINI, C.G. D.; CARVALHO, É.; ALMEIDA, L. H. C. **A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações**. *Observatório Socioeconômico da COVID-19*. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.

SILVA, E. R. S. **Graduação em Dança no Brasil: professor como orientador e aluno como protagonista**. In: **Graduações em Dança no Brasil: o que será que será?** Organização: Instituto Festival de Dança de Joinville e Thereza Rocha. Joinville: Nova Letra, 2016.

SOARES, C. L.; MADUREIRA, J. R. Educação Física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.75-88, maio/agosto de 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2869/1483>. Acesso em: 11 ago. 2020.

SUQUET, A. *O corpo dançante: um laboratório de percepção*. In: COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar. o século XX**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TOKOE, P.; HARF, R. **Expressão corporal na pré-escola**. São Paulo: Summus Editorial, 1987.

VELARDI, M. P. Prefácio. In: CHAVES, E.; CÔRTEZ, G. P.(orgs.). **Dança: educação, lazer e arte nos percursos de pesquisa do Grupo EduDança**. Editora Utopika: Belo Horizonte, 2019.